

Albergue dos querubins

Albergue dos querubins

Carlos Nejar*

Livro¹ vigoroso, com sopro épico. Desenvolve-se em vários planos ou contos. Na vila de Itaúnas com a ardorosa paixão entre o jesuíta e Bela Natividade (Nascimento da nova terra); no sobrado da rua Barão de Monjardim, Mirim, Akieluz Castelo Fiel, Baltazar, Guilherme, Ada; Serafim de Menezes, os escravos e Patrícia, jovem proprietária de vasto patrimônio de infelicidade, entre outros; o fazendeiro e visionário Guilherme Mayer, a família Ahmede, Abdul; a perene luta entre a razão e a loucura, entre Terêncio e Erasmo, entre Hume e Goebbels com o nazismo asfixiante. Esses planos se entremeiam e habilmente se juntam dentro de um “maravilhoso” narrativo que mescla tempos, seres e vontades, uma roldana que se une a outra, ao infinito. Mas a palavra é incêndio e argila, sob a onipotência do escritor. Essa mescla nos recorda o cubano e universal Carpentier, de *Recurso do Método*, com o barroco que somos, o barroco de uma Latino-América antiquíssima e nova.

* Poeta e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

¹ NEJAR, Carlos. *Albergue dos querubins* [Orelha do livro]. In: VILAÇA, Adilson. *Albergue dos querubins*. Vitória: Ufes, 1995.

Outro aspecto deste livro: a linguagem, acima dos gêneros. Não se compraz apenas em criar personagens, mas cria poesia fundindo-a com a ficção, cria metáforas que tocam o leitor, como “a árvore das palavras”, que podia ser título ou “a cela dos querubins”. Aliás, árvore das palavras é este texto rodante e livre, inebriado no aroma das folhas ou no gorjear dos pássaros. E o mágico é a lógica do mundo que aqui se concentra, entre a razão e a loucura, “no infindável labirinto que permite à arte encontros e desencontros ao longo de toda a civilização humana”.

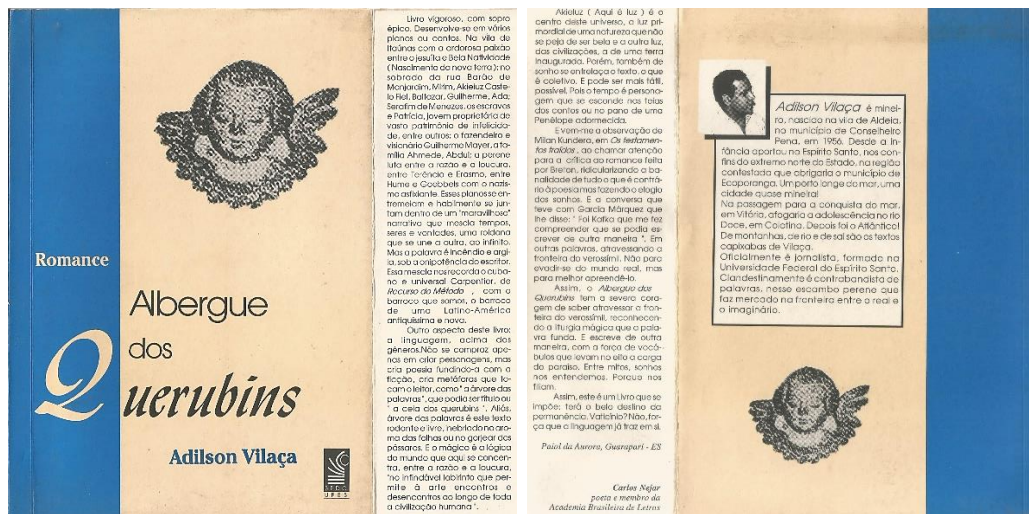
Akieluz (Aqui é luz) é o centro deste universo, a luz primordial de uma natureza que não se peja de ser bela e a outra luz, das civilizações, a de uma terra inaugurada. Porém, também de sonho se entrelaça o texto, o que é coletivo. E pode ser mais tátil, possível. Pois o tempo é personagem que se esconde nas teias dos contos ou no pano de uma Penélope adormecida.

E vem-me a observação de Milan Kundera, em *Os testamentos traídos*, ao chamar atenção para a crítica ao romance feita por Breton, ridicularizando a banalidade de tudo o que é contrário à poesia, mas fazendo o elogio dos sonhos. E a conversa que teve com García Márquez que lhe disse: “Foi Kafka que me fez compreender que se podia escrever de outra maneira”. Em outras palavras, atravessando a fronteira do verossímil. Não para evadir-se do mundo real, mas para melhor apreendê-lo.

Assim, o *Albergue dos querubins* tem a severa coragem de saber atravessar a fronteira do verossímil, reconhecendo a liturgia mágica que a palavra funda. E escreve de outra maneira, com a força de vocábulos que levam no eito a carga do paraíso. Entre mitos, sonhos nos entendemos. Porque nos filiam.

Assim, este é um Livro que se impõe; terá o belo destino da permanência. Vaticínio? Não, força que a linguagem já traz em si.

Paiol da Aurora, Guarapari – ES



Capa e contracapa em que consta a orelha do livro de Adilson Vilaça, *Albergue dos querubins*, assinada por Carlos Nejar.